

A INTERTEXTUALIDADE E A IRONIA NO GÊNERO CHARGE

Avanúzia Ferreira Matias¹
Ana Célia Clementino Moura²
Janicleide Vidal Maia³

RESUMO: O presente artigo desenvolveu-se a partir do estudo do gênero charge. Para tanto, analisou-se a interpretação de charges feita por 25 professores de escolas públicas de Fortaleza, tomando como referência a intertextualidade e a ironia. A primeira porque este é um elemento fundamental para a construção do discurso chárstico; a segunda porque este é um recurso considerável para instigar a crítica a um fato atual dentro do contexto social no qual ocorre. Analisou-se a intertextualidade com base em níveis e técnicas criados por Bazerman (2006), e a ironia com base nos estudos de Brait (2008), que concebe este recurso linguístico como um fenômeno polifônico. O trabalho investiga se para a construção do sentido na interpretação da charge e do entendimento de sua crítica é necessário que haja uma correlação direta entre a compreensão da intertextualidade e da ironia. Após a análise do *corpus*, constatou-se que os elementos intertextuais participam da construção do sentido em charge, mas não garantem o entendimento da ironia, e esta é muito menos perceptível quando a charge associa texto verbal e texto não-verbal. O leitor se apoia mais nas pistas do texto verbal para interpretar o contexto chárstico edificilmente compreende a mensagem somente se apoiando no desenho.

PALAVRAS-CHAVE: Humor. Charge. Intertextualidade. Ironia.

ABSTRACT: This article was developed from the study of genre cartoon. For both, it was examined whether the interpretation of cartoons by 25 teachers of public schools of Fortaleza, taking as reference the intertextuality and the irony. The first because this is a fundamental element for the construction of the cartoon's discourse. The second because this is a significant resource for instigating the criticism to a current event within the social context in which it occurs. The intertextuality was examined based on levels and techniques created by Bazerman (2006); and the irony based on studies of Brait (2008), which conceives this linguistic feature as a polyphonic phenomenon. The work investigates if to construct meaning in interpretation of the charge and if to understand your criticism is necessary that there is a direct correlation between the understanding of Intertextuality and of irony. After the analysis of the corpus, it was found that the intertextuais elements participate in the construction of the meaning in cartoon, but do not guarantee the understanding of irony, and this is much less noticeable when the cartoon associates verbal text and not verbal text. The reader relies more on the slopes of the verbal text to interpret the context of cartoon and hardly understands the message only relying on drawing.

KEYWORDS: Humor. Cartoon. Intertextuality. Irony

¹Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, mestre em Linguística e doutora em Educação pela mesma instituição. E-mail: avamatias@gmail.com.

²Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre e doutora em Educação pela mesma instituição. E-mail: acmoura27@gmail.com.

³Graduada em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: jvidalmaia@gmail.com.

Introdução

Desenvolver um estudo sobre o gênero charge tem nos feito refletir sobre o valor e o poder que têm os meios pelos quais nos comunicamos. É pela aprendizagem das mais diversas formas de expressão que podemos nos comunicar com o outro e compreender o sentido dos discursos, por isso entendemos que essa habilidade para se expressar e para se fazer entender tem grande importância para o homem. É através da linguagem que desenvolvemos muitas capacidades, inclusive a capacidade de expressar nossa opinião.

A ideia de desenvolver este ensaio, bem como os caminhos seguidos para a sua operacionalização começaram a ser pensados quando nos interrogamos sobre a relevância e a necessidade de se relacionar um texto (como é o caso da charge) a outros textos. Compreende-se que sem este diálogo, dificilmente se chega a uma compreensão plausível da mensagem. Sobre a ironia, intencionalmente explorada em alguns gêneros, pode-se afirmar que colabora para o processo de compreensão e ajuda a confirmar a tese do texto.

Analisar a leitura de charges implica ver a linguagem em seu aspecto discursivo, e o sentido, nessa abordagem, abrange o uso da língua em diferentes situações sociocomunicativas, ou seja, é a partir da relação entre locutor e interlocutor, da relação entre os signos presentes no texto e conhecimentos de ordens diversas que interagem intertextualmente com o texto que chegamos ao sentido que queremos dar ao discurso. A partir da observação dos diferentes recursos utilizados no processo comunicativo por meio do gênero charge, decidimos refletir sobre a ironia e a intertextualidade, porque são, para nós, dois instrumentos relevantes para a compreensão dos assuntos abordados pelo gênero. A partir desse estudo, pudemos perceber que a associação das duas categorias são uma excelente forma de explorar a interpretação feita pelo leitor, de incitá-lo a construir relações dialógicas entre um texto com outros textos e de estimulá-lo a fazer uma reflexão sobre o assunto abordado.

É interessante ler charge considerando este gênero uma fonte representativa da cultura e do comportamento de cada época, ao mesmo tempo em que o gênero ajuda a entender o que pensa a sociedade e a manter a memória por meio dos acontecimentos abordados nos textos. A charge é essencial para apresentar a realidade de forma crítica. Evidenciam-se, por meio do gênero, os traços ideológicos que permitem ao leitor fazer uma leitura reflexiva sobre fatos da realidade nele retratados.

Sobre a charge

O gênero charge é o resultado de processos sociais, culturais e históricos impostos à sociedade pela própria necessidade de adequar-se a novas formas de consolidar o discurso. O referido gênero apresenta-nos textos que narram e argumentam ao mesmo tempo, fazendo com que os leitores vejam um fato por uma determinada ótica, a do chargista.

É interessante também a ideia de que a sistematização dos gêneros acarreta uma economia cognitiva, pois, à medida que os gêneros representam formas relativamente estáveis da enunciação, possibilitam mais êxito na comunicação entre os interlocutores. Estes, por sua vez, devem escolher um gênero do discurso. A partir da escolha do gênero (feita de forma consciente ou inconsciente), a interação entre os interlocutores torna-se mais eficiente, já que ambos reconhecem e se submetem às prerrogativas que o gênero em questão exige.

De acordo com Nery (2001), a charge tem suas origens na França, vem da palavra *charger*, que significa carregar, exagerar, atacar violentamente, ou seja, a arte do exagero e/ou do ataque violento, numa menção à carga de cavalaria. Herdou suas características do jornalismo ilustrado nos séculos XVIII e XIX, e tem sua estrutura inveterada na iconografia da Idade Média e nos ofícios dos “ateliês” de pinturas dos séculos XV e XVI.

Em 1896, no Brasil, Julião Machado, chargista português, iniciou a publicação de charges em jornais, em uma coluna intitulada “caricaturas instantâneas”, criada para o Jornal *Gazeta de Notícias*, conservando “esse lugar privilegiado para a crítica e o humor político que a charge ocupa a partir de então” (TEIXEIRA, 2001, p. 30).

A charge acompanhou os modismos da *Belle Époque* e seu desenvolvimento se apresentou com traço e conteúdo temático modificados. Os chargistas criavam personagens fictícios com a finalidade de fazer piada de salão, cujo humor era passageiro; e a graça, efêmera. Contudo, foi esse tom descomprometido da charge que iniciou a mudança na sua estrutura, antes verborrágica, agora sintética verbalmente, o que representa um traço da sua modernidade.

Nos primeiros anos do século XX, os chargistas começaram a criar personagens que não ultrapassavam o limite da racionalidade, e esta, até então, limitava-se à sua possibilidade de expressão. Em princípio, foi com o personagem Zé Povo e, posteriormente, com o personagem Jeca Tatu que a charge começou a expressar

criatividade e a manifestar a crítica a costumes, livrando-se do ranço elitista e europeu que a caracterizou durante o período monárquico.

O texto verbal era o principal elemento para dar sentido ao gênero, e, aos poucos, este foi se tornando mais curto e rápido. Explorando apenas o humor, o gênero esvaiu toda a carga crítica que possuía antes, evitando a agressividade e, por vezes, reforçando apoio a certos políticos. Essa característica volúvel da charge em relação à sua função conservou-se até a década de 30.

Com a chegada do paraguaio Andrés Guevara ao Brasil, na década de 1930, aconteceu um amadurecimento do gênero charge, que passou a ser, prioritariamente, instrumento de crítica política. Foi nesse momento que a charge passou a falar com a imagem e libertou-se totalmente da grande quantidade de texto verbal.

Àquela altura, a charge era capaz de falar por si só, a imagem era o texto, que refletia sobre tudo o que acontecia na sociedade. Durante seu firmamento, o gênero charge, por meio da imagem, “rompe com a razão que limitava suas possibilidades expressivas” (TEIXEIRA, 2001, p. 48).

Atualmente o gênero charge é publicado em jornais e em algumas revistas de grande circulação em todo o Brasil, na sessão Opinião, exatamente por se tratar de um texto de opinião; entretanto, está se tornando cada vez mais comum encontrar charges na internet – em *sites* que divulgam o gênero – seja reproduzindo as mesmas charges publicadas no jornal impresso, seja criando novas charges, algumas, inclusive, com animação.

A charge é temporal, ou seja, é um gênero cuja temática desperta interesse provisório, pois apresenta, de forma peculiar, fatos evidenciados em determinadas circunstâncias. É, portanto, um gênero cujo texto envelhece rápido, posto que os fatos retratados rapidamente saem de evidência e deixam de interessar ao leitor. Apesar disso, há alguns casos em que charges são republicadas, e os chargistas usam essa estratégia quando um fato corriqueiro se repete, se mantém atual. Alguns chargistas já fizeram isso para referir-se, por exemplo, a constantes tiroteios cuja crítica gira em torno da problemática das balas perdidas.

Partilhamos com Teixeira (2001) a ideia de que a charge, antes de ter a função de fazer rir, tem a função de fazer refletir, talvez por isso, atualmente, com suas caricaturas burlescas, na maioria das vezes associadas a pequenos textos verbais, “a charge é um desenho de humor que estrutura sua linguagem como reflexão e crítica

social” (TEIXEIRA, 2005, p. 11).

Intertextualidade

O conceito de intertextualidade no qual Bazerman (2007) se apoia e no qual nos apoiamos para a análise desse trabalho foi utilizado, a princípio, por Júlia Kristeva em um trabalho de teoria literária intitulado *Desire in language: a semiotic approach to literature and art*⁴, em 1966. Neste trabalho, a autora caracteriza a produtividade textual a partir do conceito de dialogismo criado por Bakhtin. Para além desse conceito, em sua apresentação, publicada na revista *Critique* em 1967, a semioticista afirma que a intertextualidade aponta o texto como um “mosaico de citações”, ou seja, nenhum texto é original, pois estamos sempre compartilhando ideias e assumindo posições com base em referências de outros textos.

Júlia Kristeva, mesmo tendo recorrido a diferentes teorias e deslocado o conceito de intertextualidade para o centro de suas preocupações específicas, deixa claro que sua fundamentação sobre o tema é originária das ideias bakhtinianas. Embora o termo intertextualidade não tenha sido utilizado nas obras do filósofo russo, a densidade com que ele nos revela a importância de alguns elementos dentro do processo comunicativo já se referia à intertextualidade por meio de outros termos necessários para a realização da interação entre enunciador e enunciatário, como é o caso do dialogismo e da polifonia.

Bazerman (2006, p. 92) define intertextualidade como:

As relações explícitas e implícitas que um texto ou um enunciado estabelecem com os textos que lhes são antecedentes, contemporâneos ou futuros (em potencial). Através de tais relações, um texto evoca não só a representação da situação discursiva, mas também os recursos textuais que têm ligação com essa situação e ainda o modo como o texto em questão se posiciona diante de outros textos e os usa.

A partir da definição acima, Bazerman (2006) estabeleceu seis níveis de intertextualidade para que um texto evoque outros textos e se apoie neles como um recurso para comprovar sua verdade:

O primeiro nível remete a textos anteriores como fonte de sentidos, ou seja, um texto apresenta declarações de outros textos, os quais são usados com valor nominal, repetindo essa informação autorizada para os propósitos do novo texto, por exemplo, alguns trechos de leis da Constituição podem ser utilizados para garantir a integridade

⁴ Desejo em linguagem: uma abordagem semiótica da literatura e da arte.

física de um réu.

O segundo nível remete a casos em que temas sociais são apresentados em forma de discussão por intertexto explícito. Citar pontos de vista opostos entre vários grupos sociais retrata um tema social intertextual.

O terceiro nível usa declarações por meio das quais o autor se apoia ou se contrapõe para defender um ponto de vista. A exemplo disso, podemos citar dados de uma enciclopédia ou citações de uma obra que usamos para fundamentar nossas ideias.

O quarto nível ocorre de forma menos explícita, o texto pode se apoiar em crenças, costumes, tradições familiares, sejam relacionadas a uma fonte específica, sejam percebidas como senso comum. A exemplo disso, criam-se textos que nos questionam sobre como estamos educando nossos filhos, que hábitos devemos adquirir para melhorar a qualidade de vida.

O quinto nível apresenta intertextualidade em sentido amplo, através do uso de tipos reconhecíveis de linguagem, de estilo e de gênero. Cada texto evoca mundos sociais particulares nos quais essa linguagem e essa forma linguística são utilizadas. Na charge, por exemplo, o chargista utiliza a caricatura, os desenhos de modo geral, a fala. A linguagem chárstica apresenta um estilo ligado ao humor crítico.

O sexto nível de intertextualidade apresenta constatações de como o intertexto pode ser usado. Bazerman constata que as relações de intertextualidade podem ocorrer apesar dos textos distanciarem-se no tempo, no espaço, na cultura ou na instituição. Neste tipo de intertextualidade é necessário utilizar o alcance textual, isto é, “a distância até onde um texto viaja por meio de suas relações intertextuais”. (2006, p. 96).

Para entendermos o que Bazerman chama de alcance textual, precisamos fazer as seguintes considerações: um texto pode utilizar-se de empréstimos distanciados dele, seja no tempo, no espaço, na cultura ou na instituição. Isso pode ser percebido em algumas charges, quando estas, por algum motivo, retratam fatos históricos ou espaços remotos, reproduzem comportamentos de outras culturas ou simplesmente reproduzem discursos perceptíveis em determinadas instituições ou eventos.

O autor também criou seis técnicas de representação intertextual:

1. *Citação direta*. A citação direta é facilmente identificada por aspas, por caracteres em itálico ou por algum outro recurso que possa identificar, na fala ou na escrita, trechos de outra autoria, mesmo que o autor do enunciado atual possa e tenha a autonomia de excluir partes dispensáveis ao texto em questão.

2. *Citação indireta.* Através dessa técnica, o autor, com suas palavras, reproduz uma teoria, uma ideia ou o posicionamento de outro autor à medida que expõe sua interpretação e, mesmo mantendo o sentido original da citação, o autor do novo texto pode filtrar novos sentidos que lhe permitam incorporar seus desígnios ao novo contexto.

3. *Menção a uma pessoa, a um documento ou a declarações.* A menção depende da familiaridade do leitor com o que diz a fonte original. Se, por exemplo, ao mencionar que em outra época havia posturas inconcebíveis diante de determinada situação, o segundo autor pode deixar algumas informações implícitas, pode também se basear em crenças generalizadas, sem ter a obrigatoriedade de apresentá-las ao leitor.

4. *Comentário ou avaliação acerca de uma declaração, de um texto ou de outra voz evocada.* O autor do novo texto se posiciona diante de uma declaração ou de um texto para inferir sua opinião.

5. *Uso de estilos reconhecíveis, de terminologia associada a determinadas pessoas ou grupo de pessoas, ou de documentos específicos.* Esse tipo de técnica possibilita que o autor use termos ou estruturas linguísticas reconhecidas no estilo de outros autores, ou use expressões que façam referência a atitudes e comportamentos característicos de determinado grupo de pessoas. Uma expressão que exemplifica claramente essa técnica é “aqui tudo acaba em pizza”.

6. *Uso de linguagem e de formas linguísticas que parecem ecoar certos modos de comunicação, discussões entre outras pessoas e tipos de documentos.* As frases feitas, o tipo de vocabulário e os gêneros são utilizados nessa técnica. É comum a cada domínio da língua o uso de algumas formas linguísticas próprias daquela esfera.

Se fizermos uma análise de uma charge, mesmo que de forma superficial, é possível identificarmos informações que fazem com que esse texto estabeleça conexões textuais com outros textos, numa clara relação de intertextualidade. Algumas pistas desses textos são sinalizadas através dos elementos multimodais, seja na caricatura, nos objetos, nos gestos, nas cores. Como é mais frequente e mais facilmente reconhecível as formas de intertextualidade mais formais, ou seja, as citações diretas e indiretas e a menção, nossa análise concentrar-se-á nessas formas mais explícitas por ocasião da análise dos dados referentes à intertextualidade em charges. Eventualmente poderemos mencionar formas mais implícitas de intertextualidade, em circunstâncias nas quais essas técnicas sejam percebidas.

A ironia

Quando se fala em ironia, muitas pessoas ligam o conceito a um recurso da escrita ou da fala, todavia este é um mecanismo da linguagem que está presente em gestos, ações, pinturas, desenhos, comportamentos e até em desfechos de histórias.

De acordo com a perspectiva das gramáticas, a ironia é uma figura de pensamento originária da visão tradicional da retórica. Seguindo essa perspectiva, a ironia assume o valor semântico de uma antífrase: “diz-se ‘A’ para levar a entender ‘não-A’”. Considerada unicamente como uma figura, a ironia busca modificar o sentido literal primitivo para obter um sentido derivado. Os sentidos ‘A’ e ‘não-A’ também são imputados a um único responsável” (ROMUALDO, 2000, p. 78). Nesse jogo de palavras, devemos saber identificar o literal e o figurado considerando sempre a relação entre o homem, a linguagem e o meio.

Para Brait (2008), a ironia pode ser estudada a partir das atitudes filosóficas de Sócrates e da maneira como Platão e Aristóteles interpretaram os diálogos socráticos. Segundo a autora, Sócrates percebe a ironia como atitude e como linguagem. Se falarmos em atitudes irônicas, é a linguagem que possibilita a apreensão e compreensão desse processo. Como Sócrates estuda esse fenômeno da linguagem a partir da perspectiva enunciativa e discursiva, podemos afirmar que o autor discute a ironia de forma interdisciplinar. Atualmente, a ironia também é estudada a partir da apreensão de diálogos que acontecem no cruzamento de enunciações, de enunciadores e de locutores.

De acordo com Brait (ibid. p. 29-30), “diferentes vozes, Sócrates, Platão, Aristóteles e diversos interlocutores foram representados por estratégias de linguagem, por mecanismos discursivos de produção, recepção e interpretação dos diálogos”. Por isso o conceito de ironia como atitude deve considerar: a) seu caráter inaugural em relação ao estudo desse fenômeno e sua persistência em diferentes domínios; b) a possibilidade do aproveitamento dessa concepção em determinados discursos de configuração irônica, com base no instrumental e em sua interpretação pragmática; c) a articulação das concepções atitude-construção verbal, a partir de uma perspectiva enunciativa.

De acordo com a explicação de Brait, compreendemos que a ironia, desde o período socrático, é um mecanismo importante para a comunicação, aparece em vários domínios discursivos (literário, jornalístico, religioso, jurídico, publicitário etc.) e seu processo de construção do sentido é determinado pela necessidade social dos

interlocutores.

O conceito de ironia é bastante vasto, pois esse é um fenômeno aplicável em diferentes formas de comunicação e aberto a inúmeras interpretações, e nenhuma dessas interpretações é absolutamente correta, já que autoriza ao receptor, em contextos variados, dar ao discurso o sentido que ele imagina ser adequado ao deduzir quais eram as intenções do emissor na ocasião. Por essas razões, não saberíamos apontar uma definição única para contemplar toda a amplitude da ironia, nem citar elementos que a caracterizem ou situações típicas para o seu uso.

Sabemos que a ironia é um jogo em que uma expressão, uma imagem ou um gesto duplicam seu sentido, e o explícito leva a um implícito. Há sempre um não dito que se esconde por traz do dito e só será revelado se associarmos o texto a um contexto e o enunciado a um referente.

Para Esteves (2009), a ironia causa dois efeitos fundamentais: 1. instituiu uma nova perspectiva sobre o tema, resultado direto da tensão e da oposição; 2. reordena uma afirmação, no sentido de que a contradição favorece abertura para uma nova possibilidade de argumentar e de pensar, algo que só se concretiza após a ironização. Como a ironia redefine um posicionamento, possibilita que o enunciatário faça uma reavaliação crítica do que foi dito no enunciado.

A abordagem que Brait (2008) faz sobre ironia baseia-se na perspectiva discursiva segundo a qual este recurso apreende um conjunto de discursos e, mais especificamente, uma forma particular de interdiscurso. Esse é um dos motivos que nos levaram a adotar essa perspectiva neste trabalho. Soma-se a isso a possibilidade que essa vertente tem de mostrar, por meio do interdiscurso irônico, o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais e até mesmo estéticos, muitas vezes encobertos por discursos sérios e possíveis de serem criticados ou ironizados em algumas formas genéricas, como é o caso da charge. Além disso, a ironia polifônica mostrada pela autora nos remete a Bakhtin e consegue reunir, num conjunto coerente, o posicionamento irônico e a intertextualidade por meio de fatos e vozes que formam um complexo interdiscurso.

O tratamento da ironia como elemento participativo da composição textual encaminha o leitor a construir o sentido irônico do texto enquanto consideram-se outros elementos textuais (compostos por gestos, cores, tamanhos, símbolos, caricaturas) e interpretam-se o explícito e o implícito, revelados através das diversas vozes do

discurso. Além disso, percebemos a saliência irônica como um conjunto de procedimentos discursivos que podem ser utilizados em qualquer tipo de texto para revelar um chiste, para caracterizar um desenho caricatural, para causar um efeito de humor.

Brait (ibid.), baseada em conceitos teóricos como os de Benveniste, de Bakhtin e seu Círculo, de Pêcheux e de Authier-Revuz, faz sua fundamentação a respeito de ironia por meio da interdiscursividade e dos diferentes mecanismos estruturadores do texto. A autora trata a ironia como um procedimento intertextual e interdiscursivo. Assim, podemos considerar que esta é uma estratégia comunicativa causadora de efeitos de sentido na medida em que mobiliza diferentes vozes e instaura a polifonia. De maneira geral, esse processo é constantemente explorado nos limites de uma frase ou em partes de um texto. Como nossa análise de ironia está voltada unicamente para o gênero charge, devemos considerar aspectos particulares que dizem respeito ao plano de expressão do jornal, que, utilizando-se de diferentes isotopias, neste jogo de imagens e palavras, entre o sério e o engraçado, exploram, dentre outras coisas, a cultura da população.

Para Brait (idem, p.72), “a intertextualidade, que pode ser uma das denominações para algumas formas de discurso reportado, assume no discurso uma função crítica, quer para estabelecer um perfil da vítima, do alvo a ser atingido, quer para assinalar polos de abertura”. De acordo com a autora, a ironia é um mecanismo que, através de dialogismo, apresenta um paradoxo argumentativo cuja função é modificar uma ideia, polemizar ou mesmo se defender.

Para que o discurso seja irônico, todos os elementos contextuais “promovem no plano da significação uma cumplicidade entre o enunciador e o enunciatário” (BRAIT, idem, p. 75), de forma que o leitor possa compreender que o enunciado é a tradução de um desejo e não de uma realidade.

Consoante Brait (idem), a ironia também pode ser identificada a partir de atitudes e de procedimentos diversos, essa é a ironia das coisas, das situações, dos seres. Como atitude, pode ser constituída em uma situação, com um traço da personalidade ou de caráter – elementos pertencentes à individualidade de cada pessoa. Esse tipo de ironia é definido por alguns autores como “ironia situacional”, “ironia do mundo”, “ironia não-verbal”, ou “ironia referencial”.

Em textos chárgicos, a ironia nos convida a refletir, por meio do icônico e do verbal, sobre algo sério. A esse respeito, Bakhtin (2002) esclarece que não é o cômico que se torna sério, mas o contrário, principalmente nos gêneros que envolvem o riso. Os símbolos sérios são preteridos e colocados em contiguidade com manifestações e símbolos populares. Ao desfazer essa distância, o sério se torna cômico.

Na charge, a ironia é a afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar. Consiste em não dar às palavras nem à imagem o seu sentido real ou completo, exatamente para significar o oposto do que se diz. É um disfarce para expressar uma coisa por outra. O chargista não quer que sua opinião seja aceita como verdade, mas quer que sua mensagem seja interpretada e compreendida, portanto entende-se que a função da ironia na charge é deixar o texto leve, levando o leitor à crítica, à reflexão e ao humor.

O discurso irônico utilizado em charges é um recurso para estimular algum tipo de reação do leitor. Para facilitar a compreensão da ironia, o chargista, muitas vezes, utiliza também a mimese irônica⁵ em suas charges. A intenção da ironia na charge é expressar múltiplas possibilidades de sentido ao explorar situações perceptíveis de discordância pela sociedade, por isso está sempre imitando estilos e padrões típicos, como o padrão de políticos, por exemplo.

As charges irônicas estão bastante próximas do chiste⁶ e do cômico⁷, mas só podem ser compreendidas se os interpretadores entenderem o jogo multimodal próprio da charge. Nesse jogo é preciso considerar o contexto, as atitudes e as expectativas, tanto do chargista quanto do leitor. Em consequência dessa condição, a ironia pode ser mal-entendida e às vezes pode nem ser percebida, fato comprovado na análise dos questionários cujos dados serão apresentados na sequência.

Metodologia e participantes

A amostra analisada em nossa pesquisa é composta por dados de um questionário a respeito de três charges: a primeira foi publicada no blog *Bolha Brasil*; a segunda, no *Jornal da cidade* e a terceira, no site www.cambito.com.br.

⁵ A mimese irônica imita o estilo ou o ponto de vista de outrem, na voz, no estilo, nos gestos.

⁶ O chiste, dentro desse contexto, é o espirituoso, o humor fino e adequado gracejo, facécia, pilhéria.

⁷ O cômico, no contexto utilizado, é aquilo que tem por efeito suscitar o riso ou a zombaria; ridículo, risível.

A escolha das referidas charges se deu pela presença marcante da ironia e da intertextualidade, elementos sobre os quais versamos no questionário. Todas as charges abordam assuntos amplamente divulgados na mídia. Essa característica se fez necessária por entendermos que os sujeitos interpretantes precisariam dispor dessas informações para dar respostas que contribuíssem para a nossa análise. Acrescentamos, ainda, que as charges tratam diretamente de assuntos de natureza política. A opção por explorar charges de cunho político se deu por essa ser uma temática presente em quase todo o universo chárstico ao qual tivemos acesso.

O critério que nos estimulou a escolher as referidas charges foi poder enquadrá-las em três grupos específicos: 1. Charges sem texto verbal; 2. Charges com pouco texto verbal e 3. Charges com muito texto verbal. Dessa maneira, pudemos avaliar se o texto verbal é dispensável ou não para o processo interpretativo de charges, ou se funciona, associado à imagem, como elemento de igual valor para a interpretação.

Os participantes da pesquisa foram 25 professores de diferentes disciplinas que lecionam em escolas públicas de Fortaleza. Os participantes manifestaram interesse em responder às questões propostas como forma descobrir se sabem interpretar textos chársticos.

Nesse momento da pesquisa, procuramos estabelecer, para cada charge, quatro elementos fundamentais:

1. Relação com acontecimentos divulgados na mídia por mais de uma vez;
2. Personagens facilmente categorizados pelas pistas do texto;
3. Presença de ironia (através do texto verbal ou imagético);
4. Presença de algum dos tipos de intertextualidade elencados por

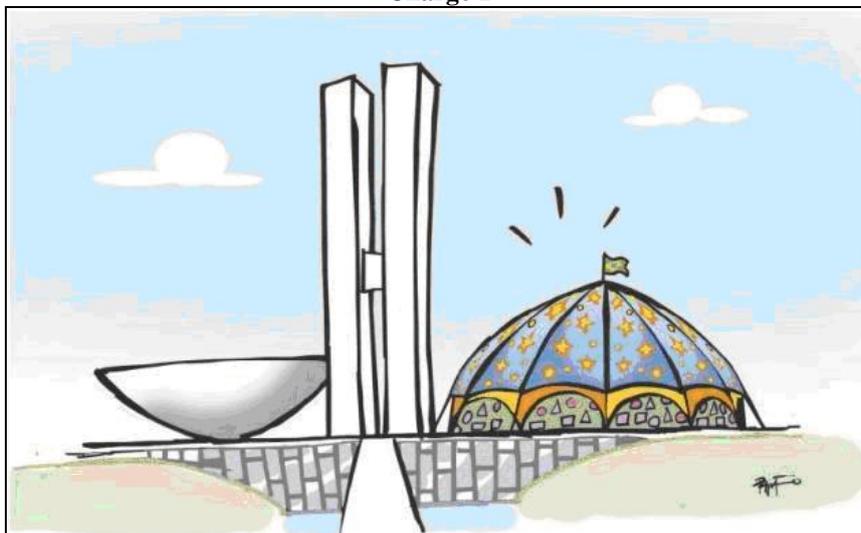
Bazerman.

Depois de adequamos o questionário, dividimo-lo em duas partes: a primeira parte refere-se a questões a respeito da familiaridade dos leitores em relação ao gênero charge; a segunda parte apresenta questões exclusivamente interpretativas em relação às charges selecionadas.

No terceiro momento, aplicamos o questionário para, enfim, termos os dados referentes à percepção dos sujeitos diante dos textos. De posse das interpretações, passamos a analisar todas as informações dadas pelos participantes.

O corpus

Charge 1



Fonte: <http://www.bolhabrasil.org/cafajestes-cafajestes-cafajestes/>. Acesso: 21/02/2017.

Esta charge, publicada no blog Bolha Brasil, apresenta a imagem do Congresso Nacional, lugar onde políticos elaboram e aprovam leis que interferem na vida de toda a população brasileira.

Projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, O Congresso Nacional é um dos três edifícios monumentais que definem a Praça dos Três Poderes, sendo os demais o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal, também de sua autoria. É considerado como o maior símbolo da capital do Brasil, além de ser mencionado como ícone do país no exterior.

O monumento apresenta-se sobre um bloco-plataforma horizontal onde existem duas torres gêmeas de escritórios entre duas semiesferas, uma à esquerda (assento do Senado), e outra à direita (assento da Câmara dos Deputados). As torres gêmeas (o chamado ‘Anexo 1’), se elevam a cem metros de altura.

O edifício é implantado em continuidade ao eixo monumental e dá acesso à principal avenida da capital brasileira, conforme concebido por Lúcio Costa. À sua frente encontra-se um grande gramado, usado pela população como palco de passeatas, protestos e outras manifestações públicas. Na parte posterior do edifício encontra-se a Praça dos Três Poderes.

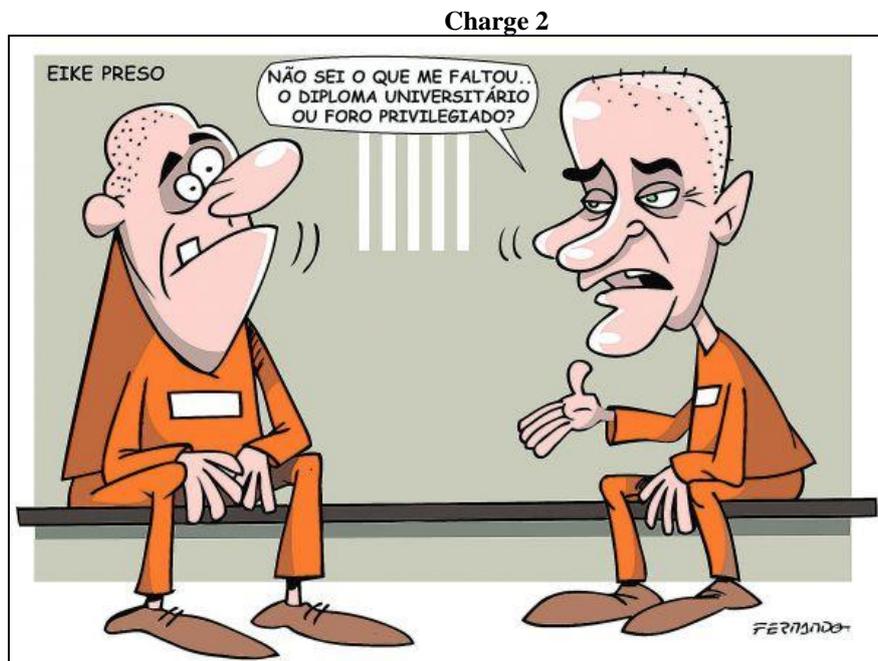
A intertextualidade ocorre quando se associa a figura de uma das semiesferas a um circo, pois é neste ambiente em que acontecem as populares “palhaçadas”, atitudes carregadas de graça, barulho, bobagem, farsa. No contexto político, esse circo seria para

uma referência às posturas de muitos políticos que só se preocupam em defender seus interesses, fazendo desse ambiente um lugar desacreditado, em que a seriedade das ações tem caráter duvidoso.

A intertextualidade mostrada nessa charge explora o segundo nível definido por Bazerman (2006), que remete a casos em que temas sociais são apresentados em forma de discussão por intertexto explícito. A crítica ao trabalho dos políticos neste local é um exemplo disso. Em relação à técnica, percebemos que a charge faz menção a pessoas (políticos) e a acontecimentos (votações nos quais os congressistas se deixam levar por interesses particulares).

A ironia ocorre com a percepção (por meio da imagem) de que na capital federal o Congresso Nacional não é um lugar que mereça credibilidade para tratar de coisas sérias (a representação simbólica da falta de seriedade nas decisões dos fatos, ao mesmo tempo em que expõe a postura dos parlamentares, julga-os e faz deboche com base na associação a um circo).

A interpretação da charge exige total ativação do contexto extraicônico para se chegar à interpretação plena, pois os elementos implícitos, nesse contexto, induzem o leitor a fazer relações entre o que veem na imagem e o que sabem sobre o lugar e sobre as práticas e posturas dos políticos que lá trabalham.



Fonte: <http://www.jcnet.com.br/charges/050217G.jpg>. Jornal da cidade 05/02/2017.

Acesso: 21/02/2017.

Esta charge foi criada para apresentar uma polêmica envolvendo a prisão do empresário Eike Batista. Preso em Bangu 9 (Penitenciária Bandeira Stampa), uma das unidades do Complexo Penitenciário de Gericinó, em Bangu, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

O empresário, que teve a cabeça raspada e usa uniforme, também dorme sobre um colchão de espuma simples. Este mesmo tratamento é dado a qualquer um dos presos daquela unidade prisional.

Na ocasião, o empresário é retratado conversando com um dos dois presos com quem divide a cela. Na conversa ele questiona se aquele tratamento que lhe é dado ocorre por não ter diploma ou por não ter foro privilegiado.

A charge 2 utiliza o primeiro nível de intertextualidade, pois remete a textos anteriores como fonte de sentidos, ou seja, o texto apresenta direitos descritos em outros textos. Ao repetir essa informação, autorizada para os propósitos do novo texto, o personagem ironiza o fato de não ter tido o direito à lei, embora ele seja considerado importante e influente entre políticos e empresários dentro e fora do Brasil. Em relação à técnica de representação intertextual, o chargista faz menção a uma crença entre os brasileiros sem apresentá-la diretamente ao leitor, a de que quem tem dinheiro não é preso neste país, muito menos em uma cela comum. Esta é a ironia da charge: encarcerar um empresário influente no meio empresarial e político em uma cela com presos ditos “comuns”, principalmente em um país como o Brasil, onde se diz que o dinheiro compra tudo.

Charge 3



Fonte: www.cambito.com.br. Acesso: 01/05/2010

Esta charge, criada para o site *www.cambito.com.br*, embora tenha sido feita em 2010, apresenta um texto bastante atual no contexto nacional. Ela foi escolhida pela riqueza de sua intertextualidade. De um lado, os versos de Carlos Drummond de Andrade nos oferecem pistas para interpretar vários assuntos. Da mesma forma, as cores que sugerem o desenho da bandeira do Brasil nos possibilitam fazer várias inferências a respeito do que se quer criticar.

Primeiramente, gostaríamos de registrar que essa charge não se refere a um fato específico, e sim a uma prática que o texto mostra de forma generalizada, pois se refere aos escândalos políticos que frequentemente têm sido denunciados em nosso país. Sabemos que se trata do Brasil pela intertextualidade visual. O desenho verde remete à bandeira do Brasil, símbolo de nossa pátria, que traz, na diagonal, uma faixa semelhante a que também existe na bandeira brasileira e, dialogando com o poema, representa um caminho pelo qual não se pode andar por existir uma grande pedra bloqueando a passagem.

A pedra é realmente um objeto materializado, entretanto subtende-se que essa pedra é formada por corrupção, ou seja, é uma forma de dizer que há muitas práticas ilegais na política brasileira, principalmente se compararmos o tamanho da pedra e o tamanho dos personagens. Sabe-se que o foco é a política porque as pistas (a bandeira e a palavra corrupção – que aparece em negrito e em tamanho maior) nos remetem ao cenário político. A presença de dois personagens e o diálogo entre eles nos autoriza interpretar que ambos estão encarregados de retirar todas as pedras do caminho. Aí está a ironia: uma pequena marreta na mão de um dos personagens não é suficiente para destruir uma pedra tão grande.

Observamos que essa charge utiliza o quinto nível de intertextualidade, através do uso de um tipo reconhecível de gênero (poema), e a técnica da citação direta para repetir um trecho da poesia de Drummond, enquanto dialoga e denuncia algumas posturas políticas comuns em nosso país. O sexto nível de intertextualidade também está presente nesta charge, pois o poema nos força a utilizar o alcance textual para estabelecer relações intertextuais.

Resultados

Em relação ao gênero charge, a maioria dos participantes tem acesso ao gênero com facilidade; dos 25 respondentes, apenas 3 não têm muito contato com esse tipo de texto, ou porque não têm interesse ou porque não folheiam jornal com frequência.

Embora muitos sujeitos tenham acesso a charges com facilidade, 15 pessoas afirmaram que as leem raramente, ou porque não as veem como texto ou porque não se sentem atraídos pelo gênero. Os 10 que leem muitas vezes são atraídos pela animação e pelo pouco conteúdo verbal.

Muitas pessoas acreditam que sabem fazer leitura de charge, que é um texto fácil de interpretar, que não é preciso muito esforço para entender sua mensagem. Das 25 pessoas, apenas três (12%) descrevem-se como não proficientes na leitura de charges, ou seja, 88% consideram-se proficientes na leitura de charge. Entretanto, quando analisamos as respostas da segunda parte do questionário, percebemos haver contradição em relação à proficiência que afirmaram ter e a que, de fato, têm, uma vez que apresentaram dificuldade para responder as questões de interpretação, tanto em relação ao assunto abordado em cada charge, quanto em relação à percepção da ironia presente no texto.

Em relação ao maior facilitador para uma boa interpretação do texto chárstico, de acordo com 17 participantes, o texto verbal e o não-verbal são necessários para que isso aconteça; 5 participantes julgam o texto não-verbal mais importante. Somente três sujeitos consideraram o texto verbal mais relevante para a interpretação do gênero. Esses resultados nos fizeram refletir sobre a relevância dos dois tipos de texto para a interpretação textual.

Não questionamos os leitores em relação à intertextualidade, apenas pedimos para que eles relacionassem os intertextos que participam dialogicamente do texto chárstico.

Em relação à ironia, 7 pessoas (28%) responderam que esse recurso ocorre sempre no gênero charge; 16 pessoas (64%) afirmaram que nesse gênero quase sempre há ironia. Somente 2 sujeitos (8%) informaram que a ironia é um fenômeno linguístico raro em charges. Essas respostas foram dadas pelos participantes antes de eles terem acesso à amostra.

Como a maioria dos participantes afirmou ser leitora proficiente do texto chárstico e também ter consciência de que a ironia compõe a maioria desses textos,

esperávamos que esse fosse um elemento facilmente identificável, entretanto, no momento da análise, constatamos que, mesmo sabendo da existência de ironia na charge, os leitores não conseguiam verbalizar o elemento irônico. Acreditamos que a dificuldade em apontar a ironia seja motivada pela dificuldade de relacionar o discurso verbal e o discurso não-verbal.

Em relação à charge 1, constatamos que a linguagem não-verbal foi suficiente para a maior parte dos participantes realizarem relações intertextuais no ato da interpretação, mas foi insuficiente para que 16 participantes percebessem o discurso irônico. Antes de justificarem a presença da ironia, 17 participantes afirmaram que essa charge continha ironia; após a interpretação, apenas 9 sujeitos apontaram em que consiste essa ironia, o que nos permite afirmar que o discurso irônico é de difícil percepção quando se tem apenas imagem.

Em relação à charge 2, constatamos que a linguagem não-verbal, associada ao pouco texto verbal foi suficiente para que 15 participantes realizarem relações intertextuais no ato da interpretação, mas foi insuficiente para que 10 participantes conseguissem associar adequadamente os diálogos intertextuais presentes no discurso.

Em relação ao discurso irônico, antes de justificarem a presença da ironia, 17 participantes afirmaram que essa charge era irônica; após a interpretação, apenas 6 respondentes apontaram adequadamente em que consiste essa ironia, os outros 19 sujeitos responderam de forma inconsistente ou deixaram sem resposta. Isso nos permite afirmar que o discurso irônico é de difícil percepção quando se associa pouco texto verbal à imagem.

Para interpretar a charge 3, o leitor deve observar as informações do texto verbal e associá-las ao texto não-verbal para estabelecer uma relação lógica entre a proposta do tema e a reflexão que o leitor é convidado a fazer. Não basta reunir as informações dos dois textos, é necessário estabelecer um diálogo intersubjetivo e intertextual entre o trecho do poema, o conceito de corrupção no Brasil e as ações que propõem findar essa prática em nosso país.

Na interpretação dessa charge, 17 leitores conseguiram estabelecer uma relação coerente com fatos/conhecimentos que deram origem ao texto. Eles foram capazes de associar a representação semântica das imagens ao texto verbal e construir o sentido do discurso, a exemplo do participante 6: “Faz uma analogia ao poema de Drummond,

sobre a pedra no meio do caminho, que no caso da política brasileira é a corrupção, mas não se trata de uma pedrinha qualquer, é quase uma montanha”.

Em relação a essa charge, percebemos que a linguagem verbal foi essencial para o êxito de muitas interpretações. Ao associar o texto verbal ao texto não-verbal, 17 participantes construíram relações dialógicas relevantes para dar sentido ao discurso.

Com a finalização dessa última análise, pudemos, mais uma vez, constatar que o discurso irônico é o elemento mais destoante para a maior parte dos sujeitos, pois não é fácil para o leitor interpretar o texto e percebê-lo como um conjunto de cores, formas e sons que, de alguma forma, servem para retratar e criticar acontecimentos verídicos. Essa constatação reincidiu nas interpretações de todos os grupos chárgicos.

Conclusão

O que podemos concluir em relação às charges analisadas é que a presença de muito texto verbal não garantiu que o leitor percebesse a ironia com facilidade, apenas assegurou mais entendimento em relação ao assunto abordado pelo chargista.

Considerando toda a análise, chegamos à conclusão de que os leitores participaram do processo comunicativo à medida que refletiam sobre os fatos das charges que geraram a comunicação e utilizavam seu conhecimento prévio para a interpretação de cada uma. Com isso, eles foram capazes de fazer a leitura de forma crítica, pois não se mantiveram passivos diante dos textos que lhes foram oferecidos.

Percebemos que, em muitas interpretações, os leitores reconheceram a intencionalidade do discurso implícito e conseguiram fazer uma reflexão sobre acontecimentos que, de fato, fizeram ou ainda fazem parte do nosso cotidiano.

Constatamos que a intertextualidade foi relevante para dar sentido à maioria das interpretações dos leitores, que se utilizaram do elemento verbal e/ou não-verbal, além do conhecimento prévio sobre o assunto para compreender a mensagem.

Comprovamos, ainda, que os leitores não se utilizaram adequadamente desses mesmos recursos para compreender o discurso irônico do texto, por isso essa categoria merece atenção, pois esse foi o elemento problemático da análise. Foram poucos os participantes que conseguiram perceber e verbalizar a presença da ironia, embora esse recurso seja importante na medida em que revela peculiaridades de determinados acontecimentos.

Como o discurso irônico não foi fácil de se perceber pela maioria dos leitores da amostra, isso comprometeu o entendimento da intenção do chargista. Para que esses leitores aproveitassem todas as pistas (verbais e não-verbais) para interpretar o texto, precisariam se apropriar de todos recursos disponíveis para o estabelecimento da comunicação. Nessa amostra, foi perceptível que os leitores se prenderam muito às pistas verbais para conseguir algumas respostas, desconsiderando, em alguns momentos, a importância do não-verbal para a compreensão do obscuro e do elemento irônico que, em todos os casos, era relevante para fortalecer da crítica e instigar o leitor a ver o não dito.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Trad.) Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucutec, 1992.

_____. *Estética da criação verbal*. (Trad.) Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Problemas na poética de Dostoiévski*. (Trad.) Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. (org.) Dionísio, A. P.; Hoffnagel, J. C. (Trad.) Hoffnagel, J. C. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Escrita, gênero e interação social*. (org.) Dionísio, A. P.; Hoffnagel, J. C. (Trad.) Hoffnagel, J. C. São Paulo: Cortez, 2007.

ESTEVES, J. M. *Ironia e argumentação*. Covilhã: LabCom, 2009.

NERY, L. Charge: cartilha do mundo imediato. *Revista Semear*, Rio de Janeiro, RJ, vol. 7, (2001). Disponível em http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/7Sem_10.html. Acesso em 03 de fevereiro de 2010.

ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

TEIXEIRA, L. G. S. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

_____. *Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

Anexos

Questionário 1

SOBRE O GÊNERO CHARGE

1. Preencha:

Nome: _____

Disciplina que leciona: _____

2. Na sua opinião, o gênero charge é de?

fácil acesso difícil acesso

3. Você costuma ler charges, com que frequência?

leio muitas vezes leio raramente

4. Onde você costuma ler charges?

no jornal impresso na Internet no jornal impresso e na Internet

5. Em relação à leitura da charge, você se considera?

um leitor proficiente um leitor **não** proficiente

Questionário 2

1. Na sua opinião, o que facilita a compreensão de toda e qualquer charge?

o texto verbal o texto não verbal

Posicione-se em relação à resposta que você assinalou.

2. Assinale o que foi mais relevante para que você compreendesse o tom jocoso nas charges.

texto verbal texto não-verbal texto verbal e texto não-verbal

Justifique sua resposta.

3. Além da leitura dos textos e das imagens de cada charge, você deve ter se utilizado de outros conhecimentos ou lembrado de fatos (intertextualidade) que o

ajudaram a construir o sentido das charges. Explícite no quadro abaixo alguns conhecimentos ou fatos que foram decisivos para que você compreendesse cada uma das charges.

CHARGES	OUTROS CONHECIMENTOS OU FATOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A COMPREENSÃO DAS CHARGES
CHARGE 1	
CHARGE 2	
CHARGE 3	

4. Você concebe haver diferença entre HUMOR – IRONIA – SÁTIRA?

SIM NÃO

Justifique sua resposta.

5. Considerando sua resposta ao item 4, como você classifica o gênero textual charge: humorístico, irônico ou satírico?

6. Na sua opinião, as charges trazem ocorrência de **ironia**:

sempre quase sempre raramente

7. Em quais das charges apresentadas você percebeu a ocorrência de ironia:

charge 1 charge 2 charge 3

Justifique, nas charges que você assinalou, quais elementos ou recursos apresentam discurso irônico.

1 _____

2 _____

3 _____

8. Dentre as charges de tom irônico, diga, na linha superior, quais **elementos** (dentro do texto) e, na linha inferior, quais **conhecimentos** (fora do texto) você utilizou para visualizar esse tom irônico.

CHARGES	PERCEPÇÃO DA IRONIA
CHARGE 1	
CHARGE 2	
CHARGE 3	

9. Considere as três charges exploradas nesta atividade, analise o grau de dificuldade de compreensão que você teve em cada uma delas e numere-as usando o código abaixo:

ATENÇÃO: cada número pode ser repetido quantas vezes for necessário. Por exemplo, se você achou todas as charges fáceis, preencha todos os quadros com o número 2.

(1) muito fácil (2) fácil (3) difícil (4) muito difícil

charge 1 charge 2 charge 3